

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Gisele Rieger P. Barbosa

**A Importância da Educação Permanente no Envelhecimento: alunos idosos na  
educação de jovens e adultos.**

Porto Alegre  
2. Semestre  
2016

Gisele Rieger P. Barbosa

**A Importância da Educação Permanente no Envelhecimento: alunos idosos na  
educação de jovens e adultos.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Comissão de Graduação  
da Faculdade de Educação da  
Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul, como requisito parcial e obrigatório  
para obtenção do título de Licenciada em  
Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Maria  
Comerlato

Porto Alegre

2. Semestre

2016

### CIP - Catalogação na Publicação

Barbosa, Gisele Rieger Pinto

A Importância da Educação Permanente no  
Envelhecimento: alunos idosos na educação de jovens e  
adultos. / Gisele Rieger Pinto Barbosa. -- 2016.  
59 f.

Orientadora: Denise Maria Comerlato.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Educação, Licenciatura em Pedagogia, Porto Alegre,  
BR-RS, 2016.

1. Aprendizagem para idosos. 2. Educação  
Permanente. 3. Idosos na EJA. 4. Envelhecimento. I.  
Comerlato, Denise Maria, orient. II. Título.

Gisele Rieger P. Barbosa

**A Importância da Educação Permanente no Envelhecimento: alunos idosos na  
educação de jovens e adultos.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Comissão de Graduação  
da Faculdade de Educação da  
Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul, como requisito parcial e obrigatório  
para obtenção do título de Licenciada em  
Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Maria  
Comerlato

Aprovado em 05 de dezembro de 2016

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Maria Comerlato – Orientadora

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Aline Lemos Da Cunha Della Libera - UFRGS

---

Prof. Dr. Johannes Doll - UFRGS

Porto Alegre

2. Semestre

2016

Dedico este trabalho aos meus pais Artur e Teresa, que sempre me apoiaram nos estudos, aos meus filhos do coração Pingo e Mano e, em especial, ao meu amado esposo Luís, que com muita paciência e carinho proporcionou-me força e coragem, apoiando-me nos momentos de dificuldades.

## AGRADECIMENTOS

Você não sabe o quanto eu caminhei  
Pra chegar até aqui  
Percorri milhas e milhas antes de dormir  
Da gama/ Toni Garrido  
(2004)

Enfrentar novos desafios é sempre difícil e a caminhada da graduação foi árdua, foram cinco anos, mas foi uma das experiências mais importantes e emocionantes da minha vida. A cada semestre novos conhecimentos, novos professores, verdadeiros mestres, e novos amigos. A Ufrgs me acolheu e me deu muito mais que um diploma, pois esta universidade ampliou meus horizontes para a vida e para a diversidade, tornando-me uma pessoa diferente e melhor. Sei que muitas pessoas me acompanharam nesta caminhada e agradeço de coração e alma a todos que de alguma forma estiveram comigo em especial:

A Deus por guiar meus passos.

Aos meus pais Artur e Teresa pelo apoio, amor e colo nas horas difíceis. Amo vocês!

Ao meu marido, amigo e companheiro de toda a vida, Luís Carlos.

Aos meus irmãos Luciane, Marcele, Maristela e João por torcerem por mim.

A minha querida Sogra Maria Sueli por ser uma segunda mãe.

As colegas e amigas de faculdade, Sabrina da Luz, Sibebe Loss, Salete Facco, Carol Borba, Hayde Lorenzi e Priscila Couto pela amizade, incentivo e pelo apoio constante.

Aos meus amig@s, pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas em especial a Laura da Maia, Vanessa Farias, Daiane Rosa de Matos, Camilla Américo, Diogo Dornelles, Joselaine Soares, Lara Bahy, Priscila, Marisa, Grace, Veridiana e Débora.

Aos meus queridos alunos que com muito carinho e respeito me acolheram na sala de aula.

As professoras que me receberam como estagiária em suas salas de aula durante a graduação, Patrícia Morini, Cátia Soares da Silveira e em especial as professoras Ceres Duarte e Helena Beatriz Carvalho.

Aos funcionários e professores do curso de Pedagogia, que foram muito importantes na minha vida acadêmica em especial as professoras, Iole Faviero Trindade, Tânia Marques, Maria Cristina Bortolini, Luciane Uberti e Luciana Corso.

Por fim, dedico um agradecimento todo especial a minha orientadora, a Professora Denise Maria Comerlato. Agradeço pela acolhida desde o início, agradeço por durante o percurso ter me guiado e me inspirado nessa caminhada de escrita, agradeço também a paciência, o carinho e por me fazer acreditar em mim mesma, como autora.

## **Dias melhores**

Vivemos esperando  
Dias melhores  
Dias de paz  
Dias a mais  
Dias que não deixaremos para trás

Vivemos esperando  
O dia em que seremos melhores  
Melhores no amor  
Melhores na dor  
Melhores em tudo

Vivemos esperando  
O dia em que seremos  
Para sempre  
Vivemos esperando  
Dias Melhores pra sempre  
Dias melhores pra sempre  
Pra sempre

Rogério Flausino - Jota Quest  
(2003)

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo investigar a importância da aprendizagem para os alunos idosos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A pesquisa foi motivada por minhas experiências no estágio na EJA, em uma turma de alfabetização composta em sua maioria por alunos idosos. O aumento do envelhecimento populacional fez com que a sociedade pensasse na qualidade de vida destes sujeitos e novas políticas públicas surgiram para garantir os direitos básicos desta crescente população. As reflexões apresentadas neste trabalho apontam para a importância da educação permanente, que se caracteriza pelo direito ao acesso à educação, independentemente da idade, e pela promoção à saúde através do envelhecimento saudável e ativo, pois a escola atua como um agente facilitador entre o sujeito idoso e novas práticas físicas e intelectuais. A metodologia adotada nessa pesquisa é a de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso com aspectos etnográficos. E tem como material empírico para análise, o diário de classe do estágio e entrevistas semiestruturadas com duas alunas e com duas professoras. Os dados obtidos das entrevistas foram transcritos e analisados apoiando-se em De Freitas, Queiroz e De Sousa (2010), os autores Dalmoro e Vittorazzi (2016) e Neri (1993) foram utilizados para entender aspectos do envelhecimento; Deval (2010) e Rulli Neto (2003) e a legislação vigente para conhecer os direitos dos idosos; e Tfouni (2010), Dalla Zen e Xavier (2010), Ferreiro e Teberosky (1989), Larrosa (2002), Giroux (1990) e Freire (1985, 1990, 1992) para aprofundar a compreensão da importância da aprendizagem na velhice. As falas dos entrevistados reforçam a importância da escola na vida destes sujeitos, a busca pela autonomia e a realização do sonho da alfabetização, que perpassa as histórias de vida das alunas entrevistadas. A partir das falas das professoras e do diário de classe, analisou-se as práticas de ensino utilizadas durante o estágio que se mostraram eficazes para a aprendizagem dos alunos idosos.

**Palavras-chave:** Envelhecimento. Aprendizagem de alunos Idosos. EJA.

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>10</b>
1.1 Caminhos da Pesquisa .....	12
1.2 Metodologias de Pesquisa.....	13
1.3 Apresentação dos entrevistados: no jardim da escola nascem as flores desta pesquisa .....	15
1.3.1. Conhecendo as alunas Orquídea e Margarida .....	16
1.3.2. As professoras Verbena e Pimenta Rosa .....	17
<b>2 NA FLOR DA IDADE: ASPECTOS DO ENVELHECIMENTO .....</b>	<b>19</b>
2.1 O surgimento da Terceira Idade ou melhor idade .....	20
2.2. As flores murcham? Pensando sobre a autoimagem do sujeito idoso .....	24
2.3. As habilidades intelectuais dos idosos.....	25
2.4. Possíveis perdas advindas da idade.....	26
<b>3 GARANTINDO EDUCAÇÃO PARA OS SUJEITOS DA EJA.....</b>	<b>31</b>
3.1. As leis que amparam os alunos idosos da EJA .....	32
3.2. Buscando a educação: caminhos que se cruzam.....	34
<b>4 A IMPORTÂNCIA DA APRENDIZAGEM NA VELHICE .....</b>	<b>39</b>
4.1 Afinal, Eva viu a uva? A Alfabetização e o Letramento na Educação de Jovens e Adultos .....	39
4.2 Estratégias de Ensino: Relatos de experiência .....	42
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>51</b>
APÊNDICE A - Entrevista.....	56
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	58

## 1 APRESENTAÇÃO

Este trabalho pretende abordar algumas inquietações que surgiram ao longo da minha experiência como docente durante o estágio curricular na Educação de Jovens e Adultos (EJA), resultante da proposta de trabalho da 7ª etapa do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Algumas dessas inquietações foram a presença de muitas pessoas idosas na turma e as dificuldades de aprendizagem observadas neste grupo. Ao mesmo tempo em que observava o desejo de aprender desses sujeitos, também via a frustração pela demora em se alfabetizar, muitas vezes, gerando comentários que remetiam a incapacidade de aprender na velhice.

Sendo assim, buscou-se investigar e problematizar a importância da aprendizagem para o bom envelhecimento. Nesta perspectiva, o foco desta pesquisa está em analisar **se há declínio na aprendizagem dos idosos devido à idade. Havendo o declínio, que possibilidades de aprendizagem existem para estes sujeitos? Que expectativas os alunos idosos têm ao retornar à escola? Como a escola e os professores lidam com a aprendizagem destes alunos idosos? E quais estratégias de ensino são utilizadas para os discentes acima de 60 anos?**

Para tanto, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo estudo de caso. A produção de dados aconteceu por meio de observações e vivências durante o estágio, registrados no diário de classe, e de entrevistas semiestruturadas, realizadas no semestre posterior, com duas discentes idosas e com as duas professoras desta turma de EJA, oriundas da rede municipal de Porto Alegre/RS.

O incentivo para a realização deste trabalho surgiu das minhas experiências como aluna do curso de Pedagogia. Em cada semestre, tive a oportunidade de realizar pequenas práticas em escolas da rede municipal, estadual e privada com alunos de idades variadas.

No primeiro semestre as disciplinas têm o foco de introduzir os conhecimentos básicos para a inserção na escola, estudei sobre a invenção de

infância, os tipos de infâncias, a importância do jogo na aprendizagem entre outros assuntos relacionados especificamente ao mundo infantil. Já o segundo semestre tem como eixo Infâncias, Juventudes e Vida Adulta. Sendo assim, o foco não estava mais voltado somente para as crianças e realizei uma semana de observações em uma turma de EJA (esta foi minha primeira experiência na sala de aula). No terceiro semestre, realizei um estudo sobre o Projeto Político Pedagógico (PPP) de uma escola estadual de Porto Alegre, esse estudo juntamente com as aulas sobre gestão e políticas da educação me propiciou uma visão mais ampla de minha atividade como docente. Já no quarto semestre, realizei a prática em uma turma de berçário, a qual me proporcionou uma aprendizagem completamente diferente das até então experimentadas em sala de aula, pois lecionar para crianças de zero a dois anos foi um desafio enriquecedor. No quinto e sexto semestres, realizei as práticas com turmas dos anos iniciais e ensino fundamental.

Em relação a essas práticas docentes, Fontoura (2009, p.19) ensina que "(...) as primeiras experiências têm um caráter desafiador, pois são elas, junto a todos os conhecimentos teóricos, metodológicos e reflexivos, que irão começar a construir o sujeito educador".

Nesse contexto, acredito que dessas mais variadas experiências em sala de aula, a que mais me chamou a atenção e mais me pareceu desafiadora foi à docência com sujeitos da EJA, pois, apesar de não ter passado de uma semana de observação, ficou a curiosidade de trabalhar com estes discentes.

Sendo assim, o estágio docente foi efetuado em uma turma de EJA com alunos das totalidades<sup>1</sup> T1 e T2 com idades variando entre 17 e 86 anos. A turma era composta por trinta e seis (36) discentes, sendo em sua grande maioria pessoas com mais de 60 anos de idade. Durante este processo de ensino e aprendizagem, pude analisar o comportamento dos discentes idosos e suas habilidades já adquiridas no campo da linguagem escrita e, principalmente, suas dificuldades para desenvolver as atividades em sala de aula. Isso me fez pensar nos desafios que os

---

<sup>1</sup> A denominação de TOTALIDADE resulta da concepção de um ensino-aprendizagem interdisciplinar, onde professores compartilham seus campos conceituais, métodos e teorias. Neste sentido, as Totalidades de Conhecimento têm como bases teóricas a interdisciplinaridade. As totalidades iniciais 1, 2, e 3 correspondem ao processo de alfabetização.

professores enfrentam para propor atividades diferenciadas, não só para estes alunos, como também para as múltiplas diversidades que compõem uma sala de aula da EJA.

Portanto, apresentarei o presente estudo a partir das minhas experiências vividas em sala de aula que, de uma forma ou de outra, sempre procuraram singularizar minha relação educadora, a fim de contextualizar o que me instigou a chegar ao tema deste trabalho. Já no decorrer dos capítulos, considerando as circunstâncias vividas, relatarei algumas reflexões e observações obtidas nessas situações de aprendizagem com os idosos, com o apoio de autores que conversam com minha experiência docente, vividas especialmente no semestre em que fiz estágio e, posteriormente, complementadas com entrevistas semiestruturadas realizadas com os sujeitos dessa pesquisa.

Nessa perspectiva, o presente estudo está dividido em cinco capítulos. Neste primeiro capítulo apresenta-se a justificativa da escolha da temática, um breve memorial da minha trajetória no curso de Pedagogia da UFRGS, a pesquisa e a metodologia utilizada, além de descrever as seções que compõem este Trabalho de Conclusão de Curso. No segundo capítulo, serão apresentados alguns aspectos sobre o envelhecimento, o surgimento da terceira idade, as habilidades intelectuais e perdas e ganhos advindos da idade. No terceiro capítulo, apresentamos alguns direitos dos alunos idosos e os caminhos percorridos pelas alunas, sujeitos desta pesquisa. No quarto capítulo, a importância da aprendizagem na velhice e algumas estratégias de ensino para serem utilizadas por professoras que trabalham com alunos idosos. Por fim, no quinto capítulo, serão apresentadas as considerações finais.

### 1.1 Caminhos da Pesquisa

Para realização da pesquisa, foi feita uma análise das minhas reflexões do diário de classe construído para a disciplina de estágio docente, observações e entrevista semiestruturada com duas alunas idosas e com as professoras titulares da turma em que realizei o estágio. Escolhi estas alunas pela idade, assiduidade e por tê-las acompanhado de forma mais próxima durante o período de estágio.

Nessa mesma direção, no tópico a seguir apresento a metodologia utilizada para a realização deste estudo, os objetivos da pesquisa e os instrumentos utilizados para a análise.

## 1.2. Metodologias de Pesquisa

Este estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso com aspectos etnográficos, tendo como instrumentos de análise uma entrevista semiestruturada com duas alunas e com suas professoras. Caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa na educação, conforme Ludke e André (1986), por ter o ambiente natural, a escola, como a fonte direta de dados, sendo que para o pesquisador "(...) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O interesse ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas" (1986 p.12). A pesquisa traz dados obtidos a partir do contato direto da pesquisadora com os sujeitos da pesquisa e o contexto em que estão inseridos, o que caracteriza como uma pesquisa qualitativa.

Conforme Ludke e André:

O "significado" que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a "perspectiva dos participantes", isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo. (1986, p.12)

Nesse sentido, esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso pelo fato de investigar as peculiaridades dos sujeitos, através da sua perspectiva de vida. De acordo com Yin (2005), o estudo de caso tem o objetivo de investigar os acontecimentos dentro do seu contexto.

Para Ludke e André (1986), no estudo de caso:

A preocupação central ao desenvolver esse tipo de pesquisa é a compreensão de uma instância singular. Isso significa que o objeto estudado é tratado como único, uma representação singular da realidade que é multidimensional e historicamente situado. (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 21).

Portanto, o objetivo principal desta pesquisa é investigar a aprendizagem de idosos, além de possíveis declínios desta devido à idade. Havendo o declínio, que possibilidades de aprendizagem existem para estes sujeitos, como a escola e os professores lidam com a aprendizagem destes alunos idosos, quais estratégias de ensino são utilizadas para os discentes acima de 60 anos e que expectativas os alunos idosos têm ao retornar à escola?

Neste sentido, esta pesquisa qualitativa utiliza como instrumentos de análise a observação, que possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, propiciando que o observador chegue mais perto da "perspectiva dos sujeitos" (LUDKE e ANDRÉ 1986, p.26), e entrevistas semiestruturadas, "onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira natural" (LUDKE e ANDRÉ 1986, p.34). Sendo assim, podemos escutar, perguntar e interagir com o entrevistado e, talvez, reformular as questões para ser melhor entendido. O objetivo é propor que o entrevistado converse abertamente sobre as questões orientadoras para este estudo.

Além de entrevistar as alunas, decidi entrevistar suas professoras que possuem muita experiência na educação de jovens e adultos, já que ao apresentar durante este trabalho a importância da aprendizagem para os alunos idosos da EJA, também pretendo apresentar algumas estratégias de ensino utilizadas com os alunos maduros e idosos desta modalidade de ensino.

O roteiro foi elaborado a partir do problema de pesquisa, sendo organizado nos seguintes eixos: envelhecimento, família, escola, desafios e estratégias utilizadas no ensinar alunos idosos (Apêndice A). Para tanto, as estudantes e professoras assinaram um termo de livre consentimento (apêndice B).

### 1.3 Apresentação dos entrevistados: no jardim da escola nascem as flores desta pesquisa

As entrevistas foram realizadas com duas alunas idosas da EJA, com mais de 65 anos, e com duas professoras também da modalidade EJA com experiência em alunos idosos. Os nomes dados a elas são fictícios, preservando suas identidades. A turma em que realizei o estágio possuía um número maior de alunas mulheres, havia poucos homens e só dois eram assíduos. Para a escolha dos sujeitos, utilizei como critérios a idade, a assiduidade, o comprometimento com as aulas e as dificuldades que cada uma apresentou durante o período de estágio.

As professoras escolhidas são as titulares da turma, que trabalhavam em docência compartilhada<sup>2</sup>. Foram solicitados aos indivíduos da pesquisa que escolhessem os pseudônimos a serem utilizados e, por se tratarem de mulheres, os nomes escolhidos por cada uma foi de uma flor. Acredita-se que a decisão individual na escolha da identificação e não substituição do nome por codinome deu-se no sentido de se sentirem empoderados, contadores da sua própria história de vida. Este empoderamento é descrito por Guareschi (2010, p. 147) como "(...) sentido de ativar a potencialidade criativa de alguém, como também de desenvolver e potencializar a capacidade das pessoas".

As entrevistas com as alunas foram individuais e tiveram a duração de aproximadamente 30 minutos com o gravador ligado. Estas conversas aconteceram no salão da escola em dias diferentes, tendo sido realizadas em outubro deste ano. Já a entrevista com as professoras, com duração de aproximadamente 40 minutos, aconteceu na sala dos professores com algumas interrupções de outros professores que passavam pela sala, no mesmo mês em que realizei a entrevista com as discentes. A conversa fluiu de forma agradável, em grande parte devido à familiaridade que possuímos, já que realizei o estágio na turma delas.

---

<sup>2</sup> Segundo Traversini, Rodrigues e Freitas (2007, p.2) [...] à docência compartilhada consiste em uma ação docente compartilhada entre dois professores em sala de aula e em um planejamento também compartilhado, ou seja, não é realizado apenas entre os professores, supõe a participação dos docentes envolvidos com o projeto e da equipe diretiva, com assessoramento pedagógico especializado.

A transcrição das gravações foi realizada pela própria pesquisadora. No entanto, não foram reproduzidas nesta pesquisa as transcrições completas. Foram eliminadas expressões repetidas, que não contribuíam para compreensão do tema e para fluência do texto. Na próxima sessão, apresento as alunas entrevistadas.

### 1.3.1. Conhecendo as alunas Orquídea e Margarida

Nome	Idade	Profissão	Onde mora e com quem vive	Família	Turma
Orquídea	86 anos	Manicure e cabeleireira. Atualmente aposentada	Porto alegre /Mora sozinha	Viúva Tem uma filha e netos	T1
Margarida	66 anos	Doméstica Atualmente aposentada	Porto Alegre/ Mora com dois filhos e uma nora e o neto	Viúva Tem dois filhos e netos	T1

Dona Orquídea tem 86 anos de idade, mora sozinha em um apartamento em Porto Alegre, mas que fica próximo à residência da filha. Viúva a mais de 18 anos, frequenta essa escola aproximadamente há 17 anos. Teve diversos trabalhos em sua vida: já foi dona de venda<sup>3</sup>, trabalhou servindo café em uma siderúrgica e foi dona de salão de beleza. Não frequentou a escola na infância.

Estudou quando criança?

O primeiro colégio que eu fui foi aqui. Por que nós morávamos muito longe e na verdade não tinha. Eu me criei com a minha madrinha, não foi com a minha mãe. Fui com cinco anos pra casa da minha madrinha e era muito longe. Isso eu sei que era! Tinha que ir a cavalo. Como é que ia larga uma menina pequena? E depois o meu irmão foi morar junto. Ele ia [na escola] e eu não sei por que não me botaram junto na aula. *Orquídea*

<sup>3</sup> Proprietária de um estabelecimento de varejo (minimercado)

Quando questionada sobre o porquê de não haver frequentado a escola depois de adulta, Dona Orquídea relata:

Por que decidiu estudar quando adulta?

Por que eu acho que tenho mais liberdade. (*liberdade por estar sozinha*) Quando a gente é casada, aí tem que participar. Quando eu era pequena não podia, quando as crianças eram pequenas, tinha os filhos pra criar, cuidar. E o marido era aquilo, não admitia que eu saísse, ele achava que se eu fosse estudar... Até eu entrei no Mobral<sup>4</sup>, mais ele queria que em três aulas eu já saísse lendo, mas não é assim! *Orquídea*

A aluna dona Margarida tem 66 anos de idade, viúva há 14 anos, mora com os filhos e netos. Atualmente está aposentada, frequenta a escola no turno da manhã e cuida da casa à tarde. Também frequenta a igreja. Sobre a escola, Dona Margarida nos conta um pouco da sua trajetória:

*Estudou quando criança?*

Não, a primeira vez que fui para a escola acho que eu tinha uns 15 anos, porque morávamos no interior. Fui criada com a minha vó até 10 anos, depois que ela faleceu fui morar com a minha mãe legítima, com 11 fui trabalhar na lavoura de arroz, pra ajudar a sustentar meus irmãos e dali sempre fui trabalhando. E depois, com 16 anos, nos mudamos para Cachoeira do Sul e aí apareceu o Mobral que dava aula pra adulto de noite, e aí nos trabalhávamos de dia de doméstica e estudava de noite. Fiquei lá muito tempo e quando a achei que não ia aprender nada, saí. Depois casei e fiquei só trabalhando. Tive meus filhos e tinha que cuidar da casa, dos filhos e trabalhar. *Margarida*

Por que decidiu estudar quando adulta?

Eu sempre quis estudar e agora eu tenho tempo. [...] Eu estudei antes em outras escolas, não deu certo e hoje estou aqui. Gosto muito daqui, das professoras. *Margarida*

### 1.3.2. As professoras Verbena e Pimenta Rosa

As professoras entrevistadas para esta pesquisa foram nomeadas de Verbena e Pimenta Rosa nomes de flores escolhidos por elas. Elas trabalham

---

<sup>4</sup> Durante a ditadura militar, é criado o movimento Brasileiro de Alfabetização - **Mobral** (1968-1985) que tinha a lógica de "alfabetização funcional e da semiprofissionalização. O objetivo era erradicar o analfabetismo e também inserir o alunado na indústria" (AGUIAR, 2009, p. 1).

há cinco anos em docência compartilhada nas turmas de T1 e T2 de uma escola municipal de Porto Alegre.

Imagem 01: Apresentação



A Professora Verbena formada em Pedagogia com habilitação em supervisão educacional esp. em alfabetização, tem cinquenta e um anos de idade e vinte e nove anos de profissão



e a professora Pimenta Rosa é formada em Pedagogia com especialização em educação de adultos, tem cinquenta e dois anos de idade e vinte cinco anos de profissão.

Os princípios que norteiam o planejamento das titulares baseiam-se na autonomia moral e intelectual do educando, na educação para todos, no respeito às diferenças e na educação Inclusiva. O planejamento participativo utilizado como referência na definição de um tema gerador, conceitos e criação de uma rede conceitual que transite e dialogue com todas as áreas de conhecimento. As professoras citaram os pesquisadores Paulo Freire, Magda Soares, Leda Tfouni, Ângela Kleiman, como sendo, alguns exemplos de autores que norteiam a prática docente.

## 2 NA FLOR DA IDADE: ASPECTOS DO ENVELHECIMENTO

Para iniciar esta pesquisa sobre a importância da aprendizagem no período de envelhecimento, é necessário investigar os aspectos que envolvem essa etapa da vida, bem como o aumento da população idosa.

O envelhecimento populacional antes considerado fenômeno mundial, tornou-se uma realidade para muitos países, inclusive para o Brasil. O idoso no país é definido como toda a pessoa com idade igual ou superior a 60 anos, e esta população passou de 4,7 % em 1960 para 12% em 2015. Segundo o IBGE<sup>5</sup>, estima-se que a população com 60 anos ou mais chegue a 28,8% da população brasileira em 2050. À medida que a população envelhece, novas políticas públicas para garantir seus direitos básicos são criadas como, por exemplo, o estatuto do idoso, aprovado em 2003, que prevê direitos e garantias de proteção à terceira idade.

Para além dos dados e das questões legais, é preciso compreender que fase da vida é essa. Compreendo, assim, que o corpo envelhece de forma singular em cada sujeito. Este processo natural de envelhecimento é compreendido como um conjunto de mudanças biológicas e psicossociais que alteram progressivamente o organismo do sujeito, causando possíveis perdas. Os idosos enfrentam, além das mudanças biológicas, as mudanças no seu papel perante a sociedade. Alguns estereótipos da sociedade projetam na velhice somente aspectos negativos como, por exemplo, falta ou perda da inteligência, dependência, inexistência de vida sexual, sendo somente uma somatória de perdas. Porém, percebe-se que a experiência e mesmo a imagem de envelhecer vem se transformando nos últimos anos, especialmente com o aumento da expectativa de vida, passando de uma etapa final da vida para à terceira idade, sendo uma "nova etapa" a ser vivida, com uma nova gama de possibilidades.

Neste sentido, De Freitas; Queiroz e De Sousa dizem que:

Compreende-se, portanto, que a velhice é um processo complexo de alterações na trajetória de vida das pessoas. Cada contexto tem suas particularidades que vão alterar o estilo de vidas de cada um com isso, os modos de revelar o significado da velhice e processo de envelhecer para os idosos dependerão de como viveu essa pessoa e como fazem as

---

<sup>5</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>  
Acesso em 16/11/16 as 12:05

adaptações e enfrentamentos cotidianos. (DE FREITAS; QUEIROZ; DE SOUSA, 2010 p. 410).

Com este novo conceito de envelhecimento, advindo especialmente de estudos fundados na psicologia (ARAÚJO & CARVALHO, 2005), mas também estudado por áreas da medicina, sociologia, educação e também por setores do mercado de consumo, que vê nesses sujeitos um novo público consumidor (DALMORO E VITTORAZZI, 2016) a tendência é que os idosos se tornem mais ativos perante a sociedade, buscando qualidade de vida, realizações pessoais, resgate de sonhos, entre outros. Apesar de a velhice ser associada à finitude, o aumento da expectativa de vida proporcionou a alguns idosos, condições gozar sua vida depois da aposentadoria, criando novas metas e condições para que vivam mais e melhor. No entanto, para muitos, a aposentadoria ou pensão não são suficientes e continuam trabalhando, em muitos casos no mercado informal.

De qualquer modo, entendo ser necessária uma mudança na mentalidade da sociedade com relação ao envelhecimento, já que, muitas vezes, é transmitida uma imagem negativa sobre a velhice. Além disso, os fenômenos negativos que marcam essa fase não são só características desta, mas podem ocorrer em qualquer fase da vida. E as possíveis e prováveis perdas no envelhecimento dependem não só de fatores biológicos, mas também de características hereditárias, das possibilidades de cuidados com a saúde e alimentação e dos hábitos e costumes que adquirimos ao longo da vida. Por outro lado, seria necessário também valorizar os ganhos da idade, como o amadurecimento, a experiência, os saberes construídos, entre outros.

## 2.1 O Surgimento Da Terceira Idade ou Melhor Idade

Com a ampliação da expectativa de vida, a velhice se transformou numa etapa mais longa do que em épocas anteriores da história. Os avanços da medicina e o aumento da qualidade de vida têm como resultado a inserção cada vez maior do idoso no convívio social. (DALMORO e VITTORAZZI, 2016). Os termos melhor idade e terceira idade têm se popularizado como forma de definir estes grupos de idosos.

Nesse sentido, a figura do velho perdeu a carapuça de "moribundo" na atualidade, deixando as marcas negativas e transformando-se em uma nova categoria social, a terceira idade, que enuncia a existência de novas potencialidades e possibilidades de vida do idoso. "(...) essa transformação radical na concepção da velhice implicou efetivamente, como condição concreta de possibilidade, um aumento ostensivo da duração da vida, tanto para os homens quanto para as mulheres" (BIRMAN, 2015, p. 1268).

Ainda conforme Birman:

(...) os velhos foram ativa e positivamente inscritos no espaço social, de múltiplas maneiras. De figura silenciosa, solitária, invisível e esquecida no espaço da família, em suas novas figurações os velhos passaram a ter uma intensa experiência social. Com efeito, agora circulando livremente nos cinemas, nos teatros e nos museus, as novas figurações dos idosos pululam de forma inédita no espaço social da contemporaneidade, como nunca ocorrera anteriormente. (BIRMAN, 2015, p. 1269).

Essa mudança conceitual mudou a relação estabelecida com a velhice, deixando de ser o fim da vida para indicar uma nova etapa, perdendo a marca negativa e assumindo outra posição social marcada pela potencialidade da qualidade de vida.

Com essa nova relação estabelecida com a velhice, este "novo grupo" ganhou a atenção da sociedade e, em especial, do mercado consumidor que propiciou uma gama de possíveis mercadorias estimulando o consumismo. Nessa perspectiva, o idoso é inserido no mercado como um consumidor em potencial de vários tipos de serviços que refletem suas trajetórias de vida e percepções construídas ao longo do ciclo de vida.

A esse respeito, Dalmoro e Vittorazi trazem que:

Diante do crescimento deste grupo social, os pesquisadores de marketing têm reconhecido no idoso um amplo potencial de consumo, resultado da redução das limitações físicas e mentais, disponibilidade de renda e tempo livre (Schau, Gilly, & Wolfinbarger, 2009; Solomon, 2011). Um ponto de análise relevante para a preservação do idoso no mercado consumidor é a universalização do direito à aposentadoria, que garantiu que a última etapa da vida correspondesse à inatividade remunerada (Debert, 1999; Lemos & Zagaglia, 2004). Este fato garante condições financeiras para lidar com as

limitações da velhice, mas, principalmente, obriga os idosos a continuarem (ou se tornarem) consumidores (...) (DALMORO e VITTORAZZI, 2016).

Figura 02: Consumismo



Fonte: <http://scontent.cdninstagram.com/><sup>6</sup>

O estereótipo do velho ativo e de espírito jovem, geralmente veiculado na televisão e propagandas, atende mais a uma lógica de mercado de consumo do que a uma tentativa de incluir o idoso na sociedade ou de representar uma melhor qualidade de vida para o mesmo (Bezerra 2006). A mídia veicula anúncios que criam situações idealizadas de consumo, as quais acabam, muitas vezes, não condizendo com a realidade vivida pelos sujeitos alvo. O produto é associado a características socialmente desejáveis, criando um envolvimento emocional, mas que se mostra inviável na maioria das vezes por causa da questão financeira, já que a maioria dos idosos em nosso país recebe em média um salário mínimo por mês.

Com o aparecimento destes novos consumidores em potencial surge uma nova linha de crédito, o empréstimo consignado para idosos aposentados e pensionistas do INSS<sup>7</sup> que incontestavelmente proporcionou uma democratização de acesso ao crédito.

---

<sup>6</sup>Fonte: [https://www.google.com.br/search?q=o+silicone+%C3%A9+eterno&rlz=1C1AVNC\\_enBR599BR599&espv=2&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiliYzQus7QAhXHEpAKHVCOBeYQ\\_AUICCqB&biw=1511&bih=708&dpr=0.9#imgrc=iskeasJO2FOPvM%3A](https://www.google.com.br/search?q=o+silicone+%C3%A9+eterno&rlz=1C1AVNC_enBR599BR599&espv=2&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiliYzQus7QAhXHEpAKHVCOBeYQ_AUICCqB&biw=1511&bih=708&dpr=0.9#imgrc=iskeasJO2FOPvM%3A) Acesso 01/09/2016 às 19h10min

<sup>7</sup> INSS é a sigla de Instituto Nacional do Seguro Social, é um órgão do Ministério da Previdência Social, ligado diretamente ao Governo. O INSS foi criado em 1988, e têm diversas funções, em especial as contribuições de aposentadoria dos cidadãos.

O crédito consignado é uma modalidade de empréstimo na qual as prestações são descontadas direto da folha de pagamento. Quem contrata um crédito consignado recebe o valor do salário, pensão ou aposentadoria reduzido por causa da subtração das parcelas a ser pagas, mês a mês, até o encerramento da dívida (BUAES, COMERLATO E DOLL, 2015, p. 53).

Com isso, o grupo social de idosos passou a fazer uso em larga escala deste serviço. Evidentemente tal fato representa uma conquista de direitos, na medida em que a consignação em folha garantiu que os idosos pudessem contratar empréstimos com maior facilidade e com condições e taxas de juros mais baixas. Por outro lado, também ampliou a possibilidade de violência financeira, pois tem sido bastante comum o fato do idoso ser utilizado para contrair empréstimos para uso de familiares, contrariamente ao seu desejo e sem recebimento de contrapartida. De qualquer modo, essa linha de crédito possui regras para garantir que o cliente não comprometa toda a sua renda com dívidas.

Para Bezerra (2006), ainda em relação a essa perspectiva de consumo, o idoso é incitado a adquirir novos hábitos a fim de manter o corpo saudável. Para isso, a indústria oferece inúmeras possibilidades de produtos e serviços de rejuvenescimento como, por exemplo, cosméticos, cirurgias estéticas, produtos eletrônicos, agências específicas de turismo, centros de lazer e etc.

Imagem 03: Idosos ativos



Fonte: <http://www.oregional.com.br/><sup>8</sup>

<sup>8</sup> Fonte: <http://www.oregional.com.br/Images/Charge/ENVELHECIMENTO-ATIVO-12-05-SITE.JPG>

## 2.2. As flores murcham? Pensando sobre a autoimagem do sujeito idoso

Durante as entrevistas das alunas Orquídea e Margarida, uma fala foi recorrente, de que não sentiam que haviam mudado ao longo do tempo: "o tempo passou e eu nem vi?".

Conforme Tommaso<sup>9</sup> (2010), "a autoimagem pode ser definida como a visão que temos de nós mesmos, o nosso retrato mental baseado em experiências passadas, vivenciadas, e estímulos presentes e expectativas futuras". Vinculado a tais noções, Orquídea e Margarida ao serem questionadas sobre o envelhecimento, se elas se sentiam como mulheres idosas, falaram que:

Eu não sei, eu vejo. Para mim não tem assim, aquele peso de velhice, eu não tenho esse peso (*da idade*), com a idade que eu estou, 86 anos.  
*Orquídea*

[*tem*] Muitas coisas que muita gente mais moças que eu não faz. Não faz nem a metade do que eu faço. Tão sempre cansados. Ainda mais esses jovens, tão sempre cansados. Eu não me acho idosa, pra mim só depois que eu não puder fazer nada. Porque eu faço tudo na minha casa [...]. Eu não me preocupo com a velhice. *Margarida*

Elas não se sentem e não se veem com mulheres idosas, pois são capazes de se cuidar sozinhas e ou cuidar da casa, como aparece na fala de Margarida. Como dito anteriormente, o surgimento da terceira Idade está relacionado à qualidade de vida dos sujeitos e também à sua independência física, mental e também financeira.

Na velhice, há uma série de perdas significativas, tais como o surgimento das doenças crônicas- degenerativas, a viuvez, a morte dos amigos e parentes, ausência de papéis sociais valorizados, isolamento crescente e dificuldades financeiras. Estas perdas podem afetar a autoestima do idoso, determinando o surgimento de situações de crise. Podem, ainda, enfrentar estas perdas com coragem ou podem se sentir incapacitados ou frágeis para enfrentá-las; tornando-se necessário a intervenção de profissionais. (DE FREITAS; QUEIROZ; DE SOUSA, 2010 p. 409).

A forma como os sujeitos se olham no espelho pode estar intimamente ligada a algumas normas da sociedade. O conceito que o indivíduo tem de si mesmo, como

---

<sup>9</sup> Disponível em: <http://tommaso.psc.br/a-importancia-da-autoimagem/> acesso 19/11/2016 as 16:09

se percebe, avalia e se comporta, é delineado por normas culturais, valores e crenças. (MARKUS; KITAYAMA, 1991 apud GOUVEIA et al, 2005). Nessa mesma direção, a autoestima diz respeito à maneira como o indivíduo elege suas metas, projeta suas expectativas e aceita a si mesmo (ANDRADE; SOUZA; MINAYO, 2009).

Como tu lidas com o próprio envelhecimento?

Olha, agora até to fazendo mais coisas do que quando era nova. Agora eu tenho aula aqui, amanhã tem física, vou ao Tesourinha (*ginásio municipal que tem atividades físicas direcionada aos idosos*) e tô fazendo corte e costura. (*Oficina da escola*) Orquídea

Faço minhas coisas, vou ao banco sozinha, qualquer coisa pego um taxi. Já disse para o meu filho, que enquanto tiver forças vou fazer isso sozinha.  
*Margarida*

A autoestima também está relacionada à autoconfiança, pois a pessoa com boa autoestima torna-se mais confiante diante das tarefas do dia-a-dia. A autoimagem que o idoso constrói de si está ligada intrinsecamente a autoestima ou baixa autoestima, que pode limitar suas ações ao não se sentir capaz de fazer algo ou de realizar um sonho como, por exemplo, de retornar à escola. Neste sentido, os depoimentos das discentes idosas demonstram que o fato de terem autonomia e se sentirem capazes de realizar muitas ações fortalece a autoestima e autoconfiança, daí, talvez, o fato de não se sentirem velhas.

### 2.3 As Habilidades Intelectuais dos idosos: velhice bem-sucedida

As habilidades intelectuais dos idosos estão associadas à velhice bem-sucedida, sendo está um desafio social. Neri (1993) ressalta que envelhecer bem depende das chances dos indivíduos quanto a usufruir de condições adequadas de educação, urbanização, saúde e trabalho durante a vida.

A educação permanente possibilita a evolução dos indivíduos em todas as idades com as interações entre as gerações, autonomia do pensamento e inclusão social. O processo de aprendizagem não é finito, então é importante que os idosos

se mantenham integrados ao contexto no qual vivem através de ações educativas oferecidas pela sociedade.

Como você se vê como idosa?

[...] O que vale muito é a cabeça da pessoa, porque eu vejo pessoas bem mais novas, bem mais novas do que eu. [...]. Eu tenho uma colega aí, com 83 anos e ela não sabe o dia de amanhã. *Orquídea*

## 2.4 Possíveis Perdas Advindas da Idade

O avanço da idade está associado a um declínio no desempenho cognitivo e este declínio cognitivo pode ser patológico ou não patológico. "As alterações na cognição quando acompanhadas de outros fatores podem levar ao surgimento de doenças neurodegenerativas". (COELHO, VITAL, NOVAIS, 2012, p.8). O declínio cognitivo patológico interfere na realização de atividades sociais e ocupacionais, evoluindo para a perda das capacidades funcionais ou da autonomia, de acordo com o estágio da enfermidade.

O declínio cognitivo está ligado a vários fatores, como por exemplo, o sedentarismo, falta de estímulos e exercícios mentais, depressão, solidão, hábitos indesejáveis como o álcool e o tabaco e obesidade. O diagnóstico precoce do declínio cognitivo permite um tratamento mais eficaz que possibilite desenvolver ações efetivas para promover a melhoria na qualidade de vida dos idosos. (MACHADO, RIBEIRO, COTTA & LEAL, 2011).

Segundo Neri:

É dado científico que a velhice caracteriza-se pelo declínio das funções biológicas, da resiliência e da plasticidade. Ainda que ocorram de forma diferenciada entre pessoas, as perdas que caracterizam a velhice provocam o aumento da dependência dos indivíduos em relação aos elementos da cultura e da sociedade. Por outro lado, e ao contrário do que se pensa, é possível a preservação e ganhos evolutivos em determinados domínios do funcionamento, como o intelectual e o afetivo, sendo este último capaz de atuar de maneira compensatória sobre as limitações cognitivas (NERI, 1993, p. 109).

As alunas entrevistadas para esta pesquisa não apresentam sintomas de declínio cognitivo patológico, mas em suas respostas outros fatores de declínio que

estão relacionados ao envelhecimento são frequentes. Ao questioná-las sobre possíveis perdas devido à velhice aparecem nas falas a perda da agilidade (fala de Orquídea) e o cansaço para realizar atividades (fala de Margarida).

Sente que tem alguma perda por causa da velhice?

[...] gente vai perdendo as forças! Se eu, por exemplo, agora já não faço isso mais, não pego peso na casa, mando fazer. Mas se eu ia lavar a louça, lavava num instante e agora tem que lavar demora fico quase 1 hora lavando a louça "digo: ah, mas to ficando velha mesmo. *Orquídea*

Sinto-me cansada, as pernas, não consigo emagrecer. Não sei. Eu sinto cansaço quando faço as coisas. Às vezes estou bem, aí já me cansa!  
*Margarida*

Sobre a memória as duas alunas entrevistadas relatam ter boa memória, porém o que fica evidente em suas falas é que esta memória está ligada aos acontecimentos de longo prazo. Segundo os autores De Freitas; Queiroz; De Sousa, (2010, p. 410) "A velhice favorece o recordar momentos relevantes de suas vidas". As alunas foram capazes de me contar muitos detalhes sobre suas infâncias, antigos empregos, vida familiar e escolar, mas também dizem que têm dificuldades em lembrar fatos recentes.

Tu percebes algum tipo de perda? E como lidas com estas perdas?

A minha memória tá boa. A minha memória tá melhor do que a da minha filha.

Não, esquecida a gente fica muito esquecida mais ainda tem muita coisa que eu me lembro.

E esquecida assim, porque tu podes me ensinar, eu pego leio contigo mais eu me esqueço, sai dali [da sala de aula] não sei mais o que eu fiz, o que eu li, o que eu não li. *Orquídea*

A memória às vezes dá uma falhada, às vezes eu acho que uma coisa tá num lugar, não acho. Aí quando acho lembro que troquei. Na sala de aula às vezes eu esqueço. As coisas que a professora me fala hoje amanhã já não me lembro. *Margarida*

Apesar das falas contraditórias durante as entrevistas, ao afirmarem possuir boa memória e ao mesmo tempo de serem muito esquecidas, percebe-se que as alunas não atribuem este declínio da memória como sendo fator da velhice. E ainda, que muitos idosos se queixem de esquecimento, isto não significa uma consequência inevitável do envelhecimento. Dona Orquídea, por exemplo, diz que

apesar da idade (86 anos) lembra-se de muito mais detalhes do que sua filha (que tem 53 anos), mas em outra fala se diz muito esquecida. Esse esquecimento está relacionado a novas atividades e acontecimentos recentes.

A tendência contemporânea é rever os estereótipos associados ao envelhecimento. A ideia de um processo de perdas tem sido substituída pelas considerações de que os estágios mais avançados da vida podem ser momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de explorar novas identidades, realizar projetos abandonados em outras etapas, estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos. (DE FREITAS; QUEIROZ; DE SOUSA, 2010 p. 411).

Ao entrevistar as professoras Pimenta Rosa e Verbena, em suas falas aparecem fortemente as questões sobre a memória dos alunos e a constante retomada das atividades em sala de aula como forma de sistematizar as aprendizagens.

Quais os desafios de ensinar alunos idosos?

*Verbena:* a questão da memória. Não sei se é só a memória, mas para mim é uma coisa assim que elas falarem "bah, eu não me lembro" a gente falou isso ontem mais no outro dia, eles não lembram. Eles sabem que a gente falou nisso ontem, mas eles não lembram mais. Parece que a gente está sempre começando de novo, às vezes tenho essa sensação.

*Pimenta Rosa:* a gente percebeu que tem que se acalmar, ter tranquilidade, [...] então essa perda que é muito comum, nesse nosso mundo (da escola), isso é muito horrível, então tu estás lidando com o conhecimento, com essa construção que não fizeram lá na infância, na juventude, então começa fazendo no momento em que essa perda é muito acelerada. Houve um momento de profunda frustração e tristeza que tu tinhas essa coisa, "mas o que a gente vai fazer?" E é importante continuar, [...] bom se não tivesse estudando seria pior. Ok, e não é num sentindo assim vamos ficar tranquilas, mas de a gente conseguir respirar, e pensar o que vai fazer talvez essa coisa mais miudinha de resgatar todos os dias o que foi feito ontem, isso foi uma coisa que a gente começou a fazer quando a gente teve um pouco mais de tranquilidade para pensar o que é possível fazer. Conheço uma outra pessoa por outros caminhos que também trabalha com idosos e ela me dizia "tem que repetir, tem que repetir" isso para mim era meio assim, por que tu sai de uma formação que diz que não é só uma repetição.

Neri (1993), diz que as perdas cognitivas decorrentes do envelhecimento podem ser compensadas por ganho de conhecimento, pois ele atua como uma poderosa fonte de enriquecimento em qualquer época da vida. Sendo assim, manter a mente ativa auxilia na reversão no declínio intelectual.

Outras questões relacionadas à velhice também aparecem durante as entrevistas como baixa visão: "a visão eu enxergo, mais não é tanto. Eu uso lente" [Orquídea]; Mãos tremulas: "eu não participo das aulas de artesanato porque eu tenho essa *tremura* nas mãos e isso me atrapalha. Atrapalha até para escrever. Hoje para fazer a data foi um sacrifício". [Margarida] e a concentração nas atividades: "quando estou copiando e tem muita gente falando atrapalha. Quando conversa de mais me afeta, hoje eu estava escrevendo ali e elas estavam naquela conversa e eu tive que falar [...]" [Orquídea].

Perlmutter e Hall (1992) apresentam algumas hipóteses para explicar o declínio dos idosos para processar informações, com a diminuição da velocidade do processamento motor e sensorial e a lentidão generalizada. Quanto à atenção as autoras dizem que os idosos têm dificuldade em permanecer focados nas tarefas complexas. Já Farias Junior (2000), diz que a diminuição da atenção se dá em decorrência da facilidade dos idosos à distração.

O envelhecimento, como dito anteriormente, é um processo natural no qual nossos corpos sofrem transformações e algumas perdas são relacionadas a este processo, porém também percebemos alguns ganhos com este avanço na idade. Assim sendo, questionei as entrevistas sobre quais os ganhos que elas tiveram com a velhice. No início, ambas ficaram confusas em suas respostas, mas foram unânimes em falar sobre as experiências de vida, sobre a constituição de uma família, sobre os conhecimentos adquiridos, oportunidades de trabalhar com coisas que gostavam de fazer e também amadurecimento dos sentimentos, oportunidade de realizar sonhos e conquista de uma posição social.

E qual o lado bom da velhice? O que a senhora que acha que ganhou com a velhice?

Vou onde quero, viajo que era uma coisa que não podia. Quando saía tinha que ser junto". (Neste caso ela diz que tinha que sair com o marido) "A gente não leu, mas tem aquela bagagem de saber mais as coisas. Eu ganhei muita amizade, saio bastante, tenho o grupo de senhoras. A gente tem experiência da vida. Orquídea

Tu achas negativo as mudanças que ocorrem? E qual o lado bom da velhice?

Eu acho que não, eu acho que a gente já nasce sabendo que vai envelhecer. O lado bom é tudo o que a gente aprende na vida, a família que eu construí. Não tinha nada e hoje eu tenho uma casa boa. [...] Quando eu era mais nova brigava muito, hoje sou mais controlada, às vezes a colega

me responde atravessado aí eu penso calma Margarida e depois passa. Eu sei que ela é minha amiga e que ela é assim, eu é que tenho que aceitar. *Margarida*

Como acha que os outros te veem?

As pessoas dizem que eu não tenho nada (referente a problemas de saúde), mas eu tenho um problema na coluna. *Orquídea*

Nós temos muitos papéis, muita gente nos vê e cada um é de um jeito, em casa sou mãe, aqui sou aluna, mas também sou amiga, as vezes eu ensino, já fui esposa e trabalhadora, agora sou aposentada. Tudo depende de quem te vê. *Margarida*

E como você se vê?

Olha, eu não sei. Para mim nada mudou eu sou eu. *Margarida*

### 3 GARANTINDO EDUCAÇÃO PARA OS SUJEITOS DA EJA

Com a melhora na qualidade de vida devido a melhores condições de acesso a saúde, muitos idosos têm retomado seus estudos a fim de realizar o sonho da alfabetização, aprender coisas novas e mesmo evitar a solidão, pois na escola eles têm a possibilidade de socializar com a promoção da integração cultural e social. Voltar a estudar traz uma maior sociabilidade, aumento da autoestima, resgate e atualização dos conhecimentos e ainda proporciona o início de novas amizades. Segundo Piaget, conforme Deval (2010) ocorrem transformações que o sujeito realiza acerca de um novo conhecimento reconhecendo a importância da interação com o meio.

Ao agir sobre a realidade, ele a incorpora, a assimila e a modifica, mas ao mesmo tempo, modifica-se a si mesmo, se acomoda, pois aumenta seu conhecimento e as antecipações que pode fazer. Isso supõe que o sujeito é sempre ativo na formação do conhecimento e não se limita a recolher ou refletir o que está no exterior. O conhecimento é sempre uma construção que o sujeito realiza partindo dos elementos de que dispõe. (DELVAL, 2010, p.120)

Conclui-se então, que o conhecimento se constrói à medida que interagimos com o meio que nos cerca, interação esta que permite a reorganização das estruturas já existentes. A escola se torna um espaço que promove a reestruturação de conhecimentos adquiridos e a construção de novos conhecimentos.

Na turma em que realizei o estágio, a maioria dos idosos já se encontrava aposentada e, não tendo mais que cumprir um horário de trabalho ou se preocupar com a criação dos filhos, passaram a participar ativamente desses espaços oferecidos pela escola, como por exemplo: visitas ao teatro, museus, entre outros. Locais que antes eram de improvável acesso a eles, pois viviam numa condição de exclusão cultural antes de retornar aos estudos. Então, a escola passou a ter um papel não só de disseminadora do conhecimento, mas também de agente principal de troca de experiências e oportunidade de convívio entre pessoas diferentes.

Esse papel social que a escola provoca vem fazendo muita diferença na vida desses idosos que, com a autoestima mais valorizada, sentindo-se úteis e capazes

de aprender, começam a desenvolver a tomada de consciência do envelhecimento ativo, bem-sucedido e com boa qualidade de vida.

Penso que seja importante nos questionarmos sobre o que os alunos idosos buscam na escola, já que para estas pessoas a condição de qualificação e igualdade no mercado de trabalho, função da EJA explicitada no parecer das diretrizes curriculares (CNE11/2000), já não faz mais sentido. Acredito que ao (re) ingressarem na escola, estes sujeitos busquem sim a função reparadora, no sentido de ter acesso a um direito anteriormente negado, em um ambiente de socialização e de aprendizagem. Isso visando à função qualificadora da EJA, ou seja, da educação permanente, que proporciona melhorias na qualidade de vida com a realização do sonho da alfabetização e de uma gama variada de aprendizagens que podem se estender ao longo da vida. A seguir apresento as a legislação que tratam dos direitos dos idosos em relação à educação.

### 3.1. As leis que amparam os alunos Idosos da EJA

O envelhecimento ativo é um direito personalíssimo<sup>10</sup> e a sua proteção, um direito social, resguardados mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade. Esse direito é elencado como um princípio fundamental pela Constituição Federal de 1988 quando, em seu artigo 3º<sup>11</sup>, estipula como um dos objetivos fundamentais da República o de promover o bem de todos, sem preconceito ou discriminação em face da idade do cidadão. Assim, à medida que a população envelhece, novas políticas públicas são necessárias para garantir seus direitos básicos, inclusive os relativos à educação.

Em 2003, com o advento da Lei nº 10.741/2003, foi criado o Estatuto do Idoso "destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos". Esta lei estabelece o dever do Poder Público em criar

---

<sup>10</sup> O Direito Personalíssimo é aquele direito relativo à pessoa de modo intransferível, que só por ela pode ser exercido.

<sup>11</sup> BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 5 de outubro de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)> Acesso em: 02 nov. 2016.

oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático para os programas educacionais a ele destinados, além de estabelecer que é obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à educação.

Já com o decreto nº 1.948/96, que dispõe sobre a Política Nacional para o Idoso, ficou estabelecido que cabe ao Ministério da Educação, em articulação com órgãos federais, estaduais e municipais de educação, a implantação de programas educacionais voltados ao idoso, além de incentivar a inclusão dos mesmos nos programas educacionais de conteúdos sobre o processo de envelhecimento.

Em relação à implantação desses programas voltados para o idoso, Rulli Neto destaca que:

III – na área de educação: (a) adequar currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais destinados ao idoso; (b) inserir nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimentos sobre o assunto; (c) incluir a Gerontologia e a Geriatria como disciplinas curriculares nos cursos superiores; (d) desenvolver programas educativos, especialmente nos meios de comunicação, a fim de informar a população sobre o processo de envelhecimento; (e) desenvolver programas que adotem modalidades de ensino à distância, adequadas às condições do idoso; (f) apoiar a criação de universidade aberta para a terceira idade, como meio de universalizar o acesso às diferentes formas do saber (RULLI NETO, 2003, p. 106).

A materialização dessas políticas públicas necessárias para garantir os direitos básicos dos idosos, principalmente os relativos à educação, dá-se por meio da EJA, já que, conforme o art. 208 da Constituição Federal (1988):

O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria.

No mesmo sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica<sup>12</sup> estabelece que:

A EJA realizada nas instituições escolares caracteriza-se como uma proposta pedagógica flexível, com finalidades e funções específicas e tempo de duração definido, levando em consideração os conhecimentos da experiência de vida de jovens, adultos e idosos, ligada às vivências cotidianas individuais e coletivas, bem como ao mundo do trabalho.<sup>13</sup>

Assim, ainda em relação à referida materialização das políticas públicas, estabelece a Lei 9.394/96, Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que os sistemas de ensino assegurarão por meio da educação de jovens e adultos, oportunidades educacionais apropriadas, considerando as características do alunado e seus interesses.

III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV - acesso público e gratuito aos ensinos fundamental e médio para todos os que não os concluíram na idade própria;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII - oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola;

### 3.2. Buscando a educação: caminhos que se cruzam

Início este subcapítulo com as palavras de Larrosa que fala sobre a experiência:

---

<sup>12</sup> As Diretrizes Curriculares Nacionais têm origem na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.) e são um conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos da Educação Básica que orientam as escolas na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas.

<sup>13</sup> Disponível em < [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192)> Acesso em: 02 nov. 2016

É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. (Larrosa, 2002 p. 26)

Neste sentido, ao analisar as respostas das entrevistadas Orquídea e Margarida, se percebe muitas falas parecidas tanto no que se refere ao retorno à escola como na própria história de vida. O sonho de aprender a ler, independência e convívio social são temas recorrentes nas respostas aos questionamentos feitos na entrevista semiestruturada.

Três pontos se destacam nestas falas, (1) não tiveram acesso à escola na infância, (2) família e (3) retorno à escola.

Imagem 04: Semelhanças



Em relação ao ponto 1 (não tiveram acesso à escola na infância), as duas entrevistadas relatam que não foram criadas pelas mães biológicas e que, apesar de

parentes ou irmãos frequentarem a escola, elas não tiveram acesso. Alguns fatores contribuíram para essa exclusão da escola: as alunas moravam no interior do estado, o que significava escolas mais afastadas das residências, dificuldade de locomoção, e auxílio nos afazeres da casa ou da lavoura desde muito cedo. O fato das famílias poderem optar, se os filhos poderiam ou não frequentar a escola ou qual deles poderia desfrutar da escola, nos mostra como é recente a valorização e o acesso às escolas.

O fato de serem mulheres contribui muito para esta exclusão da escola, pois além de auxiliar nos afazeres da casa elas ajudavam a criar os irmãos ou parentes mais novos.

Ao questioná-las sobre seus filhos, se para elas a educação deles foi uma prioridade, suas respostas foram unânimes em dizer que sim, e com muito orgulho relataram que eles sempre frequentaram a escola até se formar no ensino médio e que não deixavam faltar material escolar.

Já no ponto 2 sobre a família a fala mais marcante é sobre o retorno a escola que só foi possível após a viuvez. No caso de Orquídea, o marido era contra ela estudar, e o marido de Margarida passou muitos anos doente antes de falecer, e ela o cuidou dele até o fim. Além disso, elas relataram que só pensaram em retornar à escola depois que os filhos e netos já estavam criados. Ambas relatam que até hoje vivem com a família ou perto delas. A família é muito presente em suas vidas, lhes dando apoio para retornar à escola.

Quando a gente é casada, aí tem que participar. Quando eu era pequena não podia, quando as crianças eram pequenas tinha os filhos pra criar, cuidar e o marido era aquilo não admitia que eu sáisse ele achava que se eu fosse estudar... Até eu entrei no Mobral, mais ele queria que em três aulas eu já sáisse lendo, mas não é assim! *Orquídea*

Não, o meu marido não era contra, mais estudar como? Se eu tinha que trabalhar, cuidar da casa e dos meninos. E depois ele ficou doente tive de cuidar dele. *Margarida*

Outro fato relevante que as impulsionaram a retomar os estudos foi à busca pela independência, pela autonomia, pois eles dependem de terceiros para ler

documentos ou resolver alguns problemas. Esta busca pela autonomia está ligada ao ponto 3 que é o retorno a escola motivado pelo sonho da alfabetização.

Eu sou evangélica, quero muito aprender a ler pra aprender a ler a palavra.  
*Margarida*

Eu desejava era ler, mas não deu, mas aprendi tanta coisa, eu corria da matemática e hoje eu sei. *Orquídea*

Acredito que é muito importante para os alunos, principalmente para os alunos idosos da EJA, um ambiente escolar acolhedor, que lhes proporcione a integração social, trocas de experiências e novos vínculos. Pois é muito comum que estes possuam vínculos muito restritos ao ambiente familiar, fechados para as possibilidades de se integrar à sociedade. Nesta escola percebe-se preocupação em incluir estes alunos na sociedade, proporcionando atividades externas, como visitas ao cinema, teatro e palestras, da mesma maneira que discussões sobre os mais variados assuntos, como o momento político do país e temas contemporâneos.

Eu gosto daqui eu tenho prazer em levantar cedo e vir pra cá. Se eu não tivesse aqui eu ia acordar tarde em casa e eu gosto de acordar cedo. Eu gosto da escola. *Margarida*

Aqui eu tenho as minhas amigas, na igreja também, mais aqui a gente se vê todos os dias e passa por tanta coisa. Eu achava que a escola era só pra aprender a ler, mas a gente faz muito mais coisas. Eu gosto da escola e das professoras graças a Deus. *Margarida*

Minha filha deu apoio. Eu considero aqui como um trabalho, não chego atrasada. *Orquídea*

[...] eu ganhei muita amizade, participo das aulas de artesanato, tenho o grupo de senhoras que nos falamos sobre tudo. *Orquídea*

## Segundo De Freitas; Queiroz e De Sousa:

(...) as pessoas idosas precisam acreditar em si próprias, e assumirem as alterações inerentes ao processo de envelhecimento, aceitando as perdas, mas percebendo-se com possibilidades de desenvolver novos interesses e oportunidades de continuar aprendendo e experimentando situações novas. Daí a importância dos profissionais planejarem atividades educativas, laborais e lazer para os idosos das comunidades onde exercem as práticas, respeitando o interesse dos participantes para a importância de uma velhice saudável (DE FREITAS; QUEIROZ; DE SOUSA, 2010 p. 409).

As histórias de vida destas alunas se parecem em vários pontos, e se cruzam ao entrarem na escola e conviverem diariamente como colegas de sala. Quando fiz o estágio nesta turma, propus uma dinâmica de entrevistas na qual os alunos se dividiriam em duplas e cada um entrevistaria o outro e depois apresentaria o par entrevistado para a turma. Eles deviam fazer somente três perguntas: qual o seu nome e idade, onde mora e o que gosta de fazer? Com estas simples perguntas eles já encontraram tantas semelhanças e, agora, analisando as entrevistas, percebo o quanto cada um de nós dentro de uma sala de aula tem em comum com o outro. Nas falas da turma percebi a solidão que cada um carregava por se sentir inferior aos outros em determinadas situações, mas também o quanto se permitiram enfrentar seus receios em busca de seus sonhos.

## 4 A IMPORTÂNCIA DA APRENDIZAGEM PARA OS IDOSOS

### 4.1 Afinal, Eva viu a uva? A Alfabetização e o Letramento na Educação de Jovens e Adultos

Para iniciarmos esta discussão faz-se necessário conceituar as palavras alfabetização e letramento para que possamos avançar no diálogo sobre a importância de alfabetizar letrando. Tfouni (2010) sugere que não pode haver a redução do significado de letramento ao significado de alfabetização e ao ensino formal. Para ela, letramento é um processo mais amplo que a alfabetização, que deve ser compreendido como um processo sócio-histórico, relacionando assim, letramento com o desenvolvimento das sociedades. Portanto, letramento seria causa e consequência do desenvolvimento social. Assim, o significado atribuído pela autora ao termo letramento extrapola a escola e o processo de alfabetização, referindo-se a processos sociais mais amplos.

Alfabetizar letrando presume novas maneiras de ensinar a escrita e a leitura, buscando a participação efetiva na vida social dos educandos. Como ensina Dalla Zen e Xavier (2010, p.51) "(...) a validade de uma prática de leitura só pode ser pensada se atentarmos para as especificidades do aluno que estamos trabalhando". A aprendizagem da leitura e da escrita realiza-se, portanto, através do encontro entre o que os alunos já sabem (seus conhecimentos prévios), e as novas experiências que surgem dentro e fora da sala de aula.

No sentido político mais amplo, compreende-se melhor a alfabetização como uma infinidade de formas discursivas e competências culturais que constroem e tornam disponíveis as diversas relações e experiências que existem entre os educandos e o mundo. Em sentido mais específico, a alfabetização crítica é tanto uma narrativa para a ação, quanto um referente para a crítica. Como narrativa para a ação, a alfabetização torna-se sinônimo de uma tentativa de resgatar a história, experiência e a visão do discurso convencional e das relações sociais dominantes. Ela significa desenvolver as condições teóricas e práticas mediante as quais os seres humanos podem situar-se em suas respectivas histórias e, ao fazê-lo, fazer-se presentes como agentes na luta para expandir as possibilidades da vida e da liberdade humanas. (GIROUX, in: FREIRE e MACEDO, 1990, p.07).

Sendo assim, os sujeitos da EJA ao adentrarem na sala de aula buscam muito mais do que o domínio dos sistemas de leitura e escrita, buscam sua dignidade como sujeitos pertencentes a uma sociedade. Nesta perspectiva, o educador deve servir como uma ponte entre o resgate social e o educando, utilizando os planejamentos como instrumentos que integrem os conteúdos trabalhados na sala de aula ao cotidiano destes sujeitos. Desta maneira, os alunos têm facilidade em fazer ligações entre o que aprendem dentro da sala de aula com sua realidade. Essa prática permite que os alunos enxerguem de forma crítica a realidade a qual estão inseridos e intervenham de forma consciente nela.

Ao ser introduzido à leitura e à escrita, o educando deve ter contado com textos reais e contextualizados, que facilitem a compreensão por conter assuntos e expressões presentes no seu cotidiano. Deste modo, a tentativa de escrita dos alunos não será baseada em fragmentos que se unem de forma mecânica por sons, palavras soltas ou frases sem sentido.

Segundo Freire a educação deve seguir um contexto:

Não basta saber ler que 'Eva viu a uva'. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho. (FREIRE, 1992)

Corroborando com esta ideia, é importante que o educador ofereça textos significativos para a formação de leitores e escritores competentes. Textos com diferentes gêneros textuais que acolham suas necessidades, curiosidades e que sejam de seu interesse, bem como textos que retratem a cultura popular e o folclore regional e nacional, jornais, poesias, músicas e leitura de imagens, pois os contextos diversificados de comunicação são ótimas fontes para oportunizar discussões que enriqueçam o ambiente escolar.

A alfabetização não deve ser vista somente pelo viés de juntar letras e formar palavras, pois as palavras devem ter relação com o mundo, devem ser construídas a partir da sua leitura de mundo, pois “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (A palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele)” (FREIRE, 1985, p.120).

Ainda, de acordo com Freire (1992, p.76.), “Ler um texto é algo sério (...) é aprender como se dão as relações entre as palavras na composição do discurso. É tarefa de sujeito crítico, humilde e determinado. (...) Implica que o (a) leitor (a) se adentre na intimidade do texto para aprender sua mais profunda significação”. O ato de ler consiste em ler a realidade de opressão com os olhos críticos e aprender a ler a gramática das relações sociais. A leitura de mundo precede à leitura da palavra para retornar em posterior nova leitura de mundo. O ato de ler é uma compreensão entre o texto e o contexto.

O educador deve oportunizar o educando atividades de produção escrita que tenham significado, "ele deve criar situações que permitam ao aluno vivenciar os usos sociais que se fazem da escrita, as características dos diferentes contextos comunicativos" (FERNANDES, 2008, p. 18). Assim sendo, é fundamental que o repertório de leituras dos jovens e adultos seja diversificado e a produção de textos espontâneos seja oportunizada, pois a aprendizagem da linguagem escrita é favorecida quando o aluno entra em contato com o mundo letrado, através de textos com origem em seu interesse ou de seu cotidiano. Segundo Carvalho:

(...) se a alfabetização for conduzida de forma a demonstrar que a leitura e a escrita têm função aqui e agora, e não apenas num futuro distante, é provável que o indivíduo se sinta mais motivado para o esforço que a aprendizagem exige. (CARVALHO, 2005, p.14)

Neste sentido Ferreiro e Teberosky (1989, p.26):

O sujeito que conhecemos através da teoria de Piaget é um sujeito que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia, e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca. Não é um sujeito que espera que alguém que possui um conhecimento o transmita a ele, por um ato de benevolência. É um sujeito que aprende basicamente através de suas ações sobre os objetos do mundo, e que constrói categorias de pensamento ao mesmo tempo que organiza seu mundo.

O Professor deve ajudar o aluno a compreender melhor o contexto que o cerca. Ele deve ser mediador<sup>14</sup> da relação entre o aluno e seu objeto de

---

<sup>14</sup> Vygotsky teve como finalidade, em seus trabalhos, edificar uma psicologia e uma pedagogia no quadro teórico-epistemológico do marxismo. Para isso, usou como exemplo a metáfora do conceito de trabalho em Marx, que deu origem ao conceito de mediação. A visão mais importante para compreendermos as teorias vygotksyanas sobre o funcionamento do cérebro humano é a mediação. De acordo com Vygotsky: "a mediação

aprendizagem, devendo assim, criar situações na quais possam refletir e formular hipóteses sobre o seu aprendizado.

(...) alfabetização é parte do processo pelo qual alguém se torna autocrítico a respeito da natureza historicamente construída de sua própria experiência. Ser capaz de nomear a própria experiência é parte do que significa "ler" o mundo e começar a compreender a natureza política dos limites *bem como* das possibilidades que caracterizam a sociedade mais ampla. (GIROUX, in: FREIRE e MACEDO, 1990 p.05).

Neste sentido, Fernandes (2002, p.40) diz que o discente:

(...) tornara-se apto para se apoderar, através da leitura, da escrita e do cálculo, de um conjunto de informações sobre o mundo físico, social, político e econômico do qual faz parte, facilitando as condições para interpretá-lo e agir sobre este mundo de forma independente, crítica e construtiva.

#### 4.2 Estratégias De Ensino: relatos de experiência

Para que possamos efetivamente alfabetizar letrando, devemos observar as maneiras de desenvolver as práticas de leitura e escrita que provoquem e estimulem o processo de aprendizagem dos alunos.

Alfabetizar é um processo desafiador e possibilita inúmeras escolhas para a realização do trabalho pedagógico, tais como: temas geradores, projetos interdisciplinares, temas transversais, unidades temáticas como, por exemplo, de trabalho, de ética e de relações sociais. A seguir, revisito o meu Diário de classe para apresentar algumas práticas de leitura e escrita que aprendi e realizei durante o meu estágio obrigatório, corroborando também com algumas ideias apresentadas pelas professoras titulares da turma.

- a) Alfabeto construído pela turma e sempre disponível nas paredes e nas classes

---

em termos genéricos é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento". (MARTINS e MOSER, 2012, p.2)

A construção do alfabeto da turma foi uma atividade sistematizadora muito importante, pois a partir deste alfabeto as letras ganharam verdadeiro sentido para os alunos. Este processo foi longo e deu início através do texto *Mulherão* da escritora Martha Medeiro. Cada palavra foi pensada e discutida pela turma. Penduramos este alfabeto nas paredes com imagens referências também escolhidas por eles. Disponibilizamos o alfabeto colado nas classes principalmente para o conforto dos alunos idosos.

Imagem 05: Alfabeto da Turma

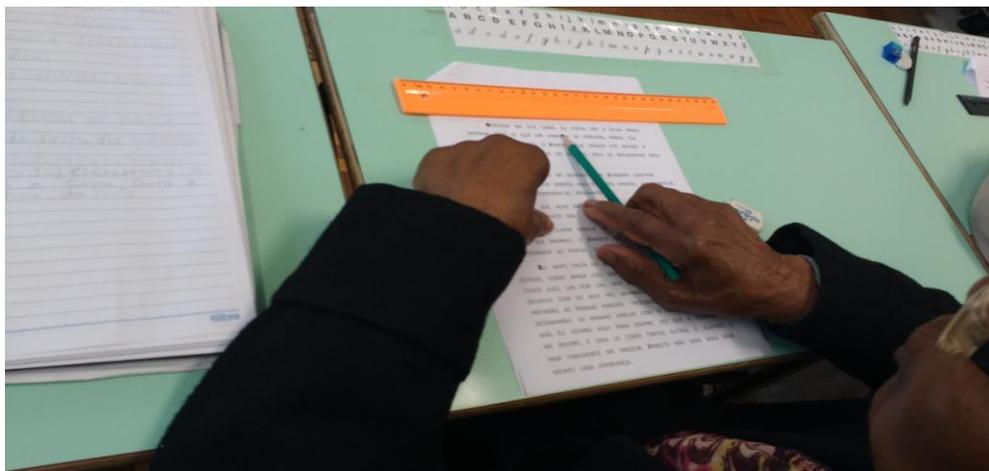


Fonte: Diário de classe

#### b) Leitura e releitura

A leitura era constante dentro da sala de aula, em cada dia e em cada atividade inseríamos momentos de leitura às vezes breves e às vezes com textos mais longos. Os alunos devem manter como habito na sala de aula ler constantemente.

Imagem 06: Leitura

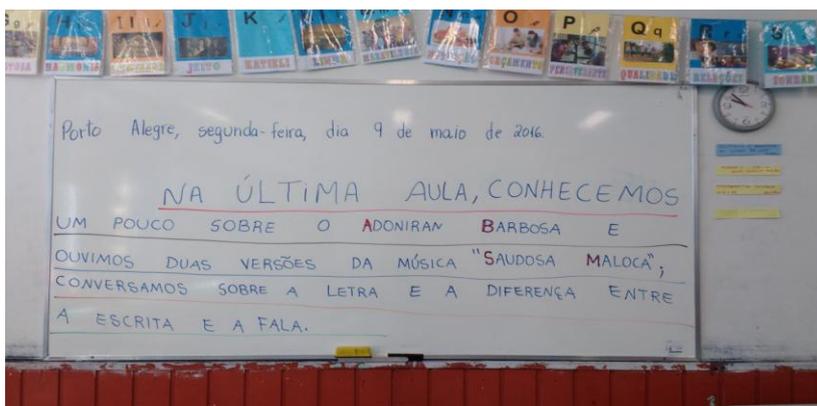


Fonte: Diário de classe

c) Linhas coloridas no quadro para separar o texto

Esta estratégia de ensino já era utilizada pelas professoras da turma e apesar de parecer simples, se mostrou muito importante, pois os alunos já idosos se perdem com facilidade na hora de copiar um texto do quadro e separar o texto por linhas coloridas os auxiliava neste momento.

Imagem 07: linhas no quadro



Fonte: Diário de classe

Ao questionar as professoras sobre o surgimento desta estratégia, o uso das linhas no quadro, a professora Verbena diz que:

Tem coisas que vamos pegando dicas com os próprios alunos. Então tá vamos colorir as linhas para que eles não se percam. Para que saibam onde estão copiando. *Verbena*, relato retirado do diário de classe

d) Retomada constante

A retomada das atividades entra como uma estratégia de ensino devido as características desta turma, alunos com deficiências e idosos. Ao longo trabalho percebemos que não conseguiríamos avançar sem essa retomada constante. Todos os dias recordávamos o que havíamos feito ontem e uma vez por semana retomávamos o alfabeto da turma. Ainda, cada vez que iniciamos a leitura de um novo capítulo do livro da turma, relembávamos tudo o que já havia sido lido. Percebemos que esta turma não tinha pressa e que nós também não deveríamos

ter, que teríamos que respeitar o ritmo deles e desenvolver atividades que os contemplassem.

Nas palavras da professora Verbena,

É que não é uma simples repetição nesse caso, [...] eles precisam que a gente repita e faça de novo e faça de novo, e não repetir por repetir, é uma necessidade que eles têm por causa dessas perdas. Parece que está indo na linha contrária de tudo que tu aprendes sobre a construção do conhecimento aí tu pensas que com esse grupo que tem essa idade, que está nessa fase da vida é diferente. O trabalho tem que ser diferente, tu tens que descobrir outras formas de trabalhar.

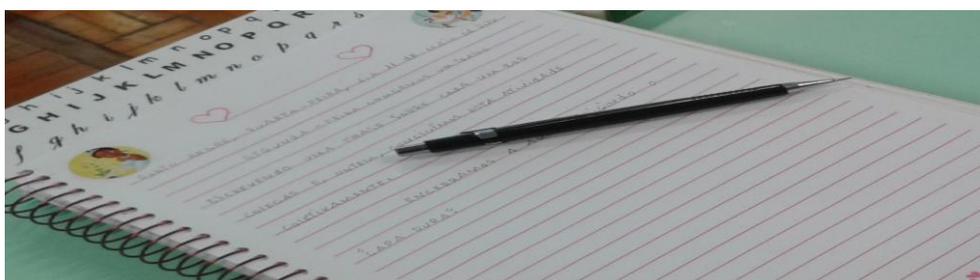
Complementada pela professora Pimenta Rosa que afirma que “a retomada deve ser constante”.

e) Cadernos por tipos de atividades.

Quando cheguei à turma de estágio, fui descobrindo que eles possuíam quatro cadernos diferentes. No início pensei que isso fosse nos atrapalhar, mas descobri que esta estratégia de ensino funciona muito bem, pois cada caderno tem seu sentido, sua função e a postura dos alunos mudava diante de cada caderno. “Foi uma estratégia que veio surgindo para organizar o trabalho”. (Verbena)

O **caderno de aula** é o caderno que utilizávamos diariamente para as atividades, colocávamos a data, fazíamos a retomada do que foi feito ontem através de um breve texto, entre outros. Este caderno pertencia aos alunos e eles o levavam para casa. Já os outros cadernos foram presentes das professoras e ficavam na escola, para que não precisassem carregar muito peso.

Imagem 08: Caderno de aula



Fonte: Diário de classe

As professoras relatam que o **caderno do livro** surgiu como um incentivo à leitura e a escrita. A professora Pimenta Rosa iniciou um projeto com a turma de leitura de um livro. Uma vez por dia, ou no máximo a cada dois dias, ela lia um trecho de um livro para a turma e, após, construía um resumo coletivo do que foi lido e copiavam neste caderno. Elas também relataram que este caderno não poderia ser um caderno qualquer, compraram cadernos bonitos (com o dinheiro delas), de capa dura e com vários tipos de capa para que o aluno pudesse escolher o que lhe mais agradava.

Percebi durante o estágio que os alunos tinham prazer em manusear este caderno, trabalhavam nele com muito capricho e esmero, valorizando esta atividade que para eles era muito importante. As professoras, após analisar o perfil da turma, escolhiam a história a ser contada. Elas também disseram que algumas histórias não cativaram a turma e que outras são lembradas até hoje.

Imagem 09: Caderno do livro



Fonte: Diário de classe

Uma das Professoras relata que esse trabalho

Iniciou pelo prazer de ouvir uma história e de conhecer a literatura. Ouvir histórias é bom em qualquer idade. Vimos que eles levavam muito a sério este momento, então surgiu a necessidade de se fazer um registro. E como estava sendo um momento muito significativo nós escolhemos ter um caderno especial, um caderno bonito, para valorizar muito a leitura, a audição das histórias. *Pimenta Rosa*.

O caderno **Capa Dura** surgiu com a finalidade de organizar o momento do ditado e serviu como um instrumento de avaliação dos níveis de escrita dos alunos. Elas precisavam saber o que cada um estava efetivamente conseguindo escrever, pois nos ditados anteriores a este caderno, as professoras não conseguiam controlar quem fazia sozinho ou quem tinha a ajuda de um colega.

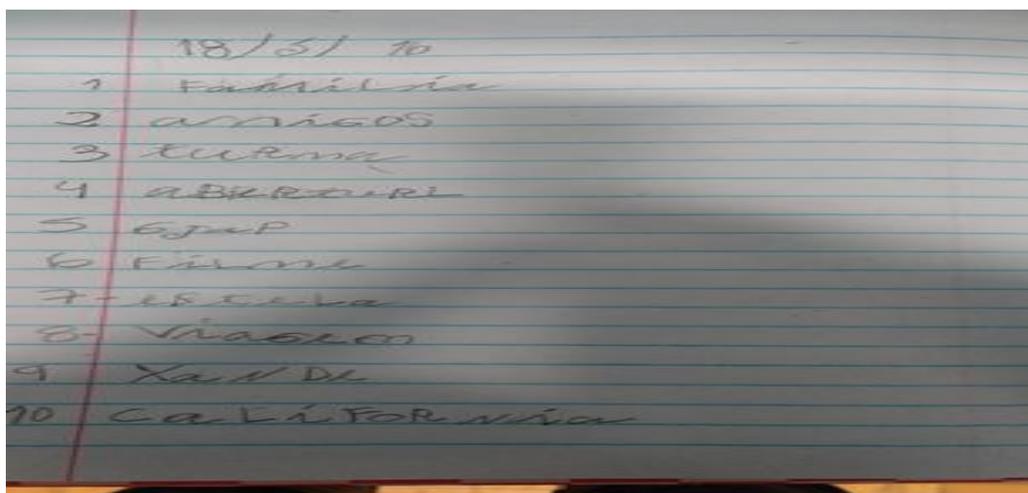
A proposta do caderno Capa Dura e suas regras dizem que cada aluno deve fazer sozinho a atividade, escrever a palavra ditada sem o auxílio do colega, o aluno neste momento tem que se permitir tentar para errar ou acertar. Outra combinação importante é que a correção do caderno não é no mesmo dia, para que eles possam se acalmar e não só corrigir as palavras como identificar o que errou. Sobre o ditado as professoras relatam que:

O ditado que se perdia, se colava, se perguntava, sendo que esse trabalho tinha que ser individual para saber em que pé cada um estava. Então o caderno capa dura deu super certo, eles aceitaram bem este jogo. Eles respeitam as regras. *Pimenta Rosa*

O nome do caderno, ter a capa dura era uma brincadeira, pois está ligado com a dureza da vida. Ele tem esse nome Capa Dura mais ao mesmo tempo tem uma leveza. Porque nos brincamos com essa dureza, com a dureza da vida, a dureza que cada um já enfrentou. *Verbena*

E tem que ser enfrentado, tu tens que ver a tua hipótese, se a tua hipótese hoje não é a que vai sair à escrita perfeita, tu tem que ter a consciência disso para avançar. Tu tens que olhar para aquele caderno e saber o que eu melhorei e o que ainda falta, para avançar na escrita. *Pimenta Rosa*

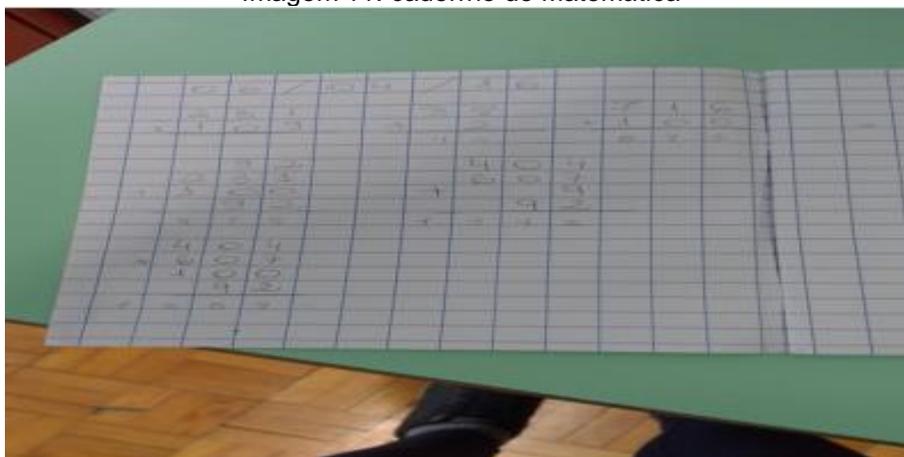
Imagem 10: Caderno Capa Dura



Fonte: Diário de classe

Por fim, o ***caderno de matemática*** surgiu da necessidade dos alunos, pois eles não conseguiam armar as contas no caderno de aula. Colocar os números na ordem correta para resolver o problema.

Imagem 11: caderno de Matemática



Fonte: Diário de classe

Nós trabalhamos com o dinheiro chinês, mas o registro das contas era sempre aquela coisa complicada. Não sabiam onde iam colocar os números. Foi para organizar o algoritmo. O valor posicional dos números. *Pimenta Rosa*, relato retirado do diário de classe.

Desse modo, com o uso de um caderno quadriculado, os estudantes conseguiam manter a ordem dos algoritmos e realizar as operações com maior propriedade, tornando as aulas de matemática mais prazerosas para a turma.

## 5 Considerações Finais

Inicio as considerações finais destacando o tema escolhido para este estudo: a importância da aprendizagem para os idosos. Partindo deste tema, busquei abordar aspectos do envelhecimento, do surgimento da terceira idade, das habilidades intelectuais de idosos, das possíveis perdas e ganhos advindos da idade, das leis que amparam os idosos, da importância da aprendizagem na velhice, bem como dos processos de alfabetização e o letramento para este público e, por fim, das estratégias de ensino utilizadas durante o estágio docente, através dos relatos do diário de classe.

O que me instigou a pesquisar sobre as questões do envelhecimento foi o fato de haver muitos idosos na turma em que realizei o estágio em EJA e saber que alguns tiveram pequenos declínios cognitivos. Se realmente, após certa idade, o sujeito vai regredir nos seus conhecimentos, se isso realmente acontece, qual o sentido de continuar na escola?

Sendo assim, neste estudo, chama a atenção o aumento da população idosa no Brasil e no mundo e, conseqüentemente, as novas políticas públicas que surgiram para garantir direitos básicos para este público. Também que, com os avanços da medicina e o aumento da qualidade de vida, a velhice se tornou uma etapa mais longa que em épocas anteriores, e os termos *melhor idade* e *terceira idade* surgiram como forma de definir estes novos grupos de idosos. Observou-se que as habilidades intelectuais destes sujeitos estão atreladas à velhice bem-sucedida e que o *envelhecer bem*, em condições adequadas, pode prevenir o declínio cognitivo. Neste sentido, a educação permanente, além do direito à aprendizagem em qualquer idade, atua como uma importante ferramenta para manter o cérebro ativo, constituir novas relações de amizade, novos interesses e objetivos na vida destes sujeitos, proporcionando a ampliação da vida social e da inclusão social.

Ao realizar as entrevistas com as alunas e as professoras, tive a oportunidade de resgatar as minhas experiências do estágio através de suas falas e de perceber como foi gratificante aquela vivência. Percebi, ainda, a importância da relação que o

educador estabelece com seus educandos, dando-lhes visibilidade e valorizando seus conhecimentos.

No caso das alunas entrevistadas, apesar de reconhecerem que tem uma idade avançada, elas não se consideram mulheres idosas, pois para elas a velhice está atrelada a dependência e a incapacidade. Refletindo sobre isso, esse trabalho trouxe que a autoimagem e a autoestima dos sujeitos idosos estão diretamente relacionadas à qualidade de vida, à independência física, mental e também financeira.

Com a oportunidade deste estudo, pude conhecer a percepção das próprias alunas sobre o processo de envelhecimento e o significado que elas atribuem ao envelhecimento saudável. Os resultados da pesquisa mostram que a educação permanente, além do sonho real da aprendizagem da alfabetização, proporciona um envelhecimento saudável e ativo. Neste sentido, a escola atua como um agente facilitador entre o sujeito idoso e as novas opções de atividades físicas e intelectuais, ressaltando-se a importância de promover práticas de promoção à saúde, de promover novas experiências culturais, e de impulsionar ao empoderamento, com a ampliação da capacidade de sentir-se parte desta sociedade, ao tornarem-se mais ativos e participantes.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Edson Ribeiro; SOUSA, Edinilsa Ramos de; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Intervenção visando a auto-estima e qualidade de vida dos policiais civis do Rio de Janeiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 1, p. 275-285, 2009.

ARAÚJO, L. F., & CARVALHO, V. A. M. L. (2005). Aspectos sócio-históricos e psicológicos da velhice. **Revista de Humanidades**, 6 (3), 1-9.

BEZERRA, Alda Kesea Guedes. **A construção e a Reconstrução da imagem do Idoso pela Mídia televisiva**. Disponível em: <<http://bocc.ufp.pt/pag/guedes-ada-imagem-idoso-midia-televisiva.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2016.

BIRMAN, Joel. Terceira idade, subjetivação e biopolítica. **Hist. ciênc. Saúde-Manguinhos**, v. 22, n. 4, p. 1267-1282, 2015.

BUAES, Caroline Stumpf; Comerlato, Denise Maria e Doll, Johannes. **Caderno de Educação Financeira**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2015. 87p.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 5 out. 1988.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB nº. 11/2000**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: Ministério da Educação; 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação de Jovens e Adultos: uma memória contemporânea**. Ministério da Educação. MEC/Unesco, 2007.

BRASIL. Lei Federal n. 9.394, de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

BRASIL, Ministério da Saúde. **PORTARIA Nº 2.528 DE 19 DE OUTUBRO DE 2006**. Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Brasília: Ministério da Saúde; 2006.

CARVALHO, Marlene. **Guia Prático do alfabetizador**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2005.

COELHO, F. G. D. M., VITAL, T. M., NOVAIS, I. D. P., COSTA, G. D. A., STELLA, F., & SANTOS-GALDUROZ, R. F. (2012). Desempenho cognitivo em diferentes níveis de escolaridade de adultos e idosos ativos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, 7-15.

DALMORO, Marlon; VITTORAZZI, Kasiana. Trajetórias de Consumo: O Sujeito-Consumidor de Serviços Bancários na Terceira Idade/Consumption Trajectories: Elderly Consumers of Bank Services. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 20, n. 3, p. 328, 2016.

DALLA ZEN, Maria Isabel H.; XAVIER, Maria Luisa M. **Alfabetizar**: fundamentos e práticas. Porto Alegre, RS: Mediação, 2010.

DE FREITAS, Maria Célia; QUEIROZ, Terezinha Almeida; DE SOUSA, Jacy Aurélia Vieira. O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, n. 2, p. 407-412, 2010.

DELVAL, Juan. **Aprender investigando**. In Ser Professor é ser Pesquisa. Porto Alegre. Editora Mediação, 2010. E ed.

FARIAS Junior, A. **Ensino e Educação para o Idoso**. 2000. Tese. Faculdade de educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. RJ

FERNANDES, Maria. **Os segredos da alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2008.

FERNANDES, Dorgival G. **Alfabetização de Jovens e Adultos: pontos críticos e desafios**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FONTOURA, Luana Figueiró. **Vivências e sobrevivências: os desafios do início da docência**. Trabalho de Conclusão. Porto Alegre. UFRGS, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Moderna, 2003.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra. Tradução de: OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. **Educar em Revista**, (57), 303-310.

FREIRE, P. Pedagogia da Esperança: **Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.

FREIRE, Paulo. A educação na cidade. In: **A educação na cidade**. Cortez, 1991.

GOUVEIA, V. V., Singelis, T. M., GUERRA, V. M., SANTOS, W. S. D., & VASCONCELOS, T. C. (2005). Auto-imagem e sentimento de constrangimento. **Psico** (Porto Alegre), 36(3), 231-241.

GIROUX, Henry. Alfabetização e a pedagogia do empowerment político. In: FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra 3** (1990):

GUARESCHI, Pedrinho. Empoderamento. In: STREK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Espanha: Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, nº 19.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1988.

MACHADO, J. C., RIBEIRO, R. D. C. L., COTTA, R. M. M., & LEAL, P. F. D. G. (2011). Declínio cognitivo de idosos e sua associação com fatores epidemiológicos em Viçosa, Minas Gerais. **Rev bras geriatr gerontol**, 14(1), 109-21.

MARTINS, Onilza Borges, and Alvino Moser. "Conceito de mediação em Vygotsky, Leontiev e Wertsch". Revista **Intersaberes** 7.13 (2012): 8-28.

NERI, Marina Liberalesso. "Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos". **Psico-USF** 9.1 (2004): 109-110.

Portal do Envelhecimento. Para que estudar na terceira idade. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.com/educacao-continuada/item/1716-para-que-estudar-na-terceira-idade>. Acesso em: 01 out 2016.

PERMUTTER, M.; HALL, E. **Desenvolvimento e envelhecimento de adultos**. New York: Wiley. 1992

RULLI NETO, Antônio. **Proteção legal do idoso no Brasil**: universalização da cidadania. São Paulo: Fiuza, 2003.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/default.php>. Acesso em: 25 set.2016.

TOMMASO. Psicoterapia da Boa Forma. A importância da autoimagem. Disponível em: <http://tommaso.psc.br/a-importancia-da-autoimagem/>. Acesso em: 21 nov 2016.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Adultos não-alfabetizados em uma sociedade letrada.** Cortez, 2006.

TRAVERSINI, Clarice Salete; RODRIGUES, Maria Bernadette Castro e FREITAS, Juliana. **O desafio de exercer a docência e constituir-se como aluno no projeto da docência compartilhada.** Porto Alegre: UFRGS, 2010.

## APÊNDICE A – Entrevista

### **Entrevista semiestruturada**

#### **Alunas**

#### **Envelhecimento**

Que imagem tu tens de ti? (Como te vês como idosa?).

Como tu lidas com o próprio envelhecimento?

Tu percebes algum tipo de perda? E como lidas com estas perdas?

Têm estratégias, quais as estratégias que tu utilizas para lidar com a velhice e suas limitações?

Tu achas negativo as mudanças que ocorrem? E qual o lado bom da velhice?

#### **Família**

Com quem mora, o que faz em casa?

Do que vive? Renda própria, ajuda dos filhos.

Qual o teu papel na família? Como você se vê?

Como acha que os outros te veem?

#### **Escola**

Estudou quando criança?

Por que decidiu estudar quando adulta?

Como chegou a Escola?

Quanto tempo tu já estás nesta escola?

Por que queria estudar?

O que reconhece que aprendeu na escola? Se mudou algo em sua vida?

O que deseja/sonhas ainda aprender? O que deseja fazer com o que aprender?

Costuma tentar ler ou estudar em casa? Tem ajuda de alguém?

O que significa o espaço da escola para ti?

Como a tua história de vida contribui ou não para a tua aprendizagem?

Como você se vê na escola na escola? Se ela se acha/sente diferente na escola de outros lugares, como família...

Como acha que os outros a veem?

Tem alguma coisa mais que tu queiras me contar ou comentar?

### **Professoras**

Por acham que os idosos estudam? Qual o sentido para eles estarem estudando, na sua opinião?

Quais os desafios de ensinar alunos idosos?

Como lidam com diferenças de idade dos alunos?

Que questões próprias ou não dos processos de envelhecimento influenciam nos processos de aprendizagem?

Que matérias, estratégias e/ou dinâmicas utilizam para lidar com as dificuldades dos alunos idosos?

Tem alguma coisa mais que tu queiras comentar ou contar sobre tuas observações acerca dos estudantes idosos?

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**  
**UFRGS/FACED/ CURSO DE PEDAGOGIA**  
**Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso**

A presente pesquisa é produzida para fins de trabalho de conclusão de curso (TCC) e tem como objetivo principal investigar a aprendizagem de idosos, além de possíveis declínios desta devido à idade. Havendo o declínio, que possibilidades de aprendizagem existem para estes sujeitos, como a escola e os professores lidam com a aprendizagem destes alunos idosos, quais estratégias de ensino são utilizadas para os discentes acima de 60 anos e que expectativas os alunos idosos têm ao retornar à escola.

Para isto será realizado uma entrevista individual com alunos/as idosos/as da educação de jovens e adultos e com profissionais atuantes na educação de adultos e idosos. A entrevista será gravada e transcrita para análise, preservando o sigilo e a identidade do entrevistado, não fornecendo nome dos participantes, sendo estes substituídos por pseudônimos.

Eu, \_\_\_\_\_, pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que conheço os objetivos e as finalidades da pesquisa e concordo em participar da mesma.

Ao final do estudo serei informado dos seus resultados, pela pesquisadora.

A aluna-pesquisadora Gisele Rieger P. Barbosa é orientada pela Professora Dra. Denise Maria Comerlato, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (Telefone: 33084130).

Desde já agradeço sua participação nesta pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

Porto Alegre, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_